

Bibliografia Comentada: “Comunicação como extensões do mal estar”

Resumo

O texto aqui apresentado é uma contextualização crítica do livro “Os meios de comunicação como extensões do mal-estar”, Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003, de Adriana Bacellar Leite e Santos, trabalho que realiza uma ponte entre duas obras fundamentais do século passado: *O mal estar na cultura* de Sigmund Freud, e *Os meios de comunicação como extensões do homem*, de Marshall McLuhan.

Artigo

Um debate insólito tem se repetido nos rádios, jornais e TV, sobre a má influência dos filmes e jogos violentos nos jovens. Seu teor é de que estes conteúdos tem produzido comportamentos também violentos. Mas talvez o que há de mais assustador nestes debates seja - como se nota claramente em *talkshows* e programas de auditório - que há um consenso popular sobre eles: são, no mínimo, a legitimação e o reforço da violência encontrada nas cidades.

Em tais debates encontramos psicólogos, educadores, médicos, dentre tantos atores disciplinares, preocupados com a condução dos espaços físicos e mediáticos para que se constituam como lugares propícios à subjetivação que elegeram como adequada, a única - à seus olhares - capaz de provocar o apassivamento e docilização dos corpos: aquilo que chamam de sociedade pacífica e tranqüila.

Infortúnio seria, na verdade, eliminar tais conteúdos, e revelar que

pouco têm a ver com o problema... Não são os videogames, em simulações de combates fidedignos entre agentes policiais e terroristas, com seus armamentos verídicos e equipamentos realmente utilizados por tropas militares, que produzem adolescentes capazes de disparar tiros a esmo em uma escola; não são filmes como *Fight Club*¹ (Clube da Luta) que produzem estudantes universitários capazes de metralhar, sem qualquer motivo, pessoas em uma sala de cinema. Muito pelo contrario, o transtornado protagonista de *Fight Club*, Tyler Durden, demonstra exatamente que os rituais de violência física auto-inflingida não seriam nada se comparados a violência que o nosso modo de vida, nossa subjetividade disciplinar, e nosso consumismo calcado em um sistema capitalista financeiro nos proporcionam. Em cena memorável, o violento protagonista submete um jovem vendedor de loja de conveniência em uma experiência de quase-morte para demonstrar-lhe justamente que estava a desperdiçar algo muito precioso - sua vida - com uma atividade banal, produto de um sistema doentio, que não lhe acrescentaria absolutamente nada como sujeito. Obriga compulsoriamente o jovem a abandonar seu lugar no sistema produtivo e dedicar-se aos estudos para tornar-se algo melhor, ou sua vida estaria acabada, literalmente.

A preocupação com estes conteúdos se intensifica quando os jovens autores de ações violentas - amplamente documentados, debatidos e explorados pela mídia - apontam os

Guilherme Ranoya é Pós-Graduado em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela ECA-USP, e Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Internet Business & Web Design do Centro Superior de Tecnologia das Américas.

(01) FINCHER, David (Dir). *Fight Club*. Estados Unidos / Alemanha: Película -139 min, 1999.

Adaptação de livro homônimo: PALAHNIUK, Chuck: *Fight Club*. Londres: Vintage Books-UK, 1997.



videogames, os filmes e os seriados de televisão como fontes de onde retiraram suas idéias aterradoras. Finda-se infelizmente qualquer possibilidade de se excluir estes produtos mediáticos do grupo de objetos potencialmente perigosos e ameaçadores à boa condução das jovens almas, depois que os fantoches da violência modelam os vis titereiros.

Dever-se-ia questionar se os produtos mediáticos são realmente fontes inspiradoras e manipuladoras, ou antes, mediação de uma violência já presente e contida em cada um, quase que desejando por se comunicar com outros onde ela também efervesce. Como se cada ato violento fosse a tentativa de expressar alguma coisa que perturba intensamente seu sujeito, a ponto dele não conseguir sublimá-la e precisar dividi-la com outros. Filmes, jogos de computador, simulações de batalhas usando armas de tinta... Repertório e sistemas de comunicação de uma sociedade pós-industrial que segundo autores como Pierre Lévy vêm substituindo na forma da simulação, da virtualização e da experimentação, a comunicação escrita como forma unívoca das trocas sociais de sentido². Estas são todas experiências próprias de novas tecnologias que modificaram a forma como compreendemos o mundo. São assim incorporadas no nosso discurso, na forma como explicamos as coisas; na forma como pensamos as coisas; na forma como nos comunicamos: seria impensável um relato como "minha vida toda passou na minha mente como em um filme", antes da invenção do cinema. Este tipo de imaginário só floresceu após os fotogramas seqüenciados, os quais proporcionaram novas formas de se interpretar e inventar o mundo que nos inscrevemos. Da mesma maneira, estas novas tecnologias que beiram um realismo assustador e permitem aos jovens se aproximarem ou até mesmo se inserirem em contextos violentos e perigosos, são utilizadas por alguns deles para provocar e aprimorar violências a outros ou a sociedade. Se não possuíssimos estas tecnologias,

estes mesmos jovens estariam a produzir bombas caseiras e coquetis molotof com o auxílio de livros e revistas. Mesmo que a tecnologia seja substituída, a intenção permaneceria invariável, e é por isso que não deveríamos atribuir aos produtos mediáticos a responsabilidade sobre comportamentos violentos.

Mas retomemos à Tyler Durden: ele representa o problema inerente no enlace entre a liberação de um sujeito das amarras sociais e a tensão que esta liberação exige para acontecer. Tensão esta que não se dá necessariamente sob forma de violência, mas impreterivelmente como perturbação do apassivamento e da docilidade generalizada. Em uma palavra: conflito; não é possível a liberação sem que se provoque conflito. Tyler Durden é a encarnação do conflito, e portanto, o agente da liberação.

Ao contrário do que se estigmatizou sobre o filme do qual é personagem principal (considerado um filme sobre a violência), *Fight Club* é uma crítica social ácida, agressiva e desconcertante acerca do mal-estar. Logo, chegamos ao ponto central desta discussão: o que é este mal-estar de que trata o livro *Os meios de comunicação como extensões do mal-estar*?

A temática do mal-estar se inicia com Sigmund Freud, em seu *O mal-estar na cultura* (também traduzido como *O mal-estar na civilização*³). No apogeu da modernidade, o famoso doutor escreve um ensaio sobre a nossa inata incapacidade de atingirmos a felicidade, ou em suas próprias palavras, de sermos tomados pela sensação oceânica da plenitude e da tranquilidade. Alguma coisa nos incomoda; alguma coisa nos causa um mal-estar, principalmente no que tange nosso estar-junto social.

Seguindo esta idéia original, vários ensaios foram produzidos sob a temática do mal-estar, levando-o para outros campos, desde os trabalhos de Bauman, como *O mal-estar da pós-modernidade*⁴, ou de Rouanet, com *O mal-estar na modernidade*⁵, passando por Trivinho, com *O mal-estar da*

(02) Segundo Lévy, a comunicação escrita sobrepos inicialmente a comunicação oral como matriz comunicativa, e vêm sendo sobreposta por um processo de virtualização acelerada com as tecnologias digitais. Vivemos no mundo das imagens, simulações e comunicações digitais, mas isto não significa que a comunicação oral ou escrita tenha desaparecido. A noção de sobreposição apresentada por Lévy diz respeito a técnicas e tecnologias que acrescentam e transformam os processos de comunicação, mas não os subtraem. In LÉVY, Pierre: *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

(03) FREUD, Sigmund. "O mal estar na civilização" in *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

(04) BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

(05) ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal estar na modernidade*. São Paulo: Cia. das letras, 1993.

teoria⁶, até chegar a este trabalho de Adriana Bacellar Leite e Santos que esta sendo comentado. O mal-estar de que tratava Freud era fruto de nossa inabilidade congênita à convivência social; da frustração ao abrir mão de nossos desejos, impulsos e urgências em prol de uma sociabilidade restritiva e castradora - pois esta sim seria a grande violência cometida contra o sujeito... a primeira violência, e a violência fundamental na qual se fundam todas as demais violências: cometida contra si mesmo, a clausura das pulsões é a única possibilidade de convivência social em harmonia, e ao mesmo tempo, a gênese de uma força antagônica.

Talvez esta explicação sobre o mal-estar não seja suficiente. A idéia apresentada originalmente por Freud apontava que dentre as poucas causas capazes de retirar do homem a possibilidade da felicidade, plenitude e segurança (por exemplo, estar à mercê das forças da natureza, passível de perder a vida sob ataque de um animal selvagem), aquela que constituiria uma trama mais tortuosa e insolúvel seria justamente a possibilidade de um sujeito não corresponder às expectativas do outro; de não saber ao certo como é julgado por outro sujeito - isto implica em uma profunda infelicidade. Fica claro que o olhar e o julgamento do *outro* nos é ameaça a felicidade equiparável a nosso próprio medo da morte. Isto se acentua em função de nossos instintos e pulsões: na pressa, por exemplo, temos pulsão de atravessar os sinais fechados do trânsito, passar por cima de tudo e de todos que transponham nosso caminho, e ignorar todo e qualquer limite de velocidade; quando somos contrariados, temos a pulsão de eliminar da existência aquilo ou aquele que nos nega, e impormos nossa vontade sobre os demais. Estes impulsos e desejos arbitrários, que todos possuímos, precisam ser reprimidos e controlados para a vida comunitária, e é exatamente isto que nos condena à infelicidade, uma vez que só atingiríamos a “sensação oceânica”

quando estas pulsões fossem satisfeitas, e nossas energias instintivas fossem liberadas. Encontramo-nos em uma eterna encruzilhada: atentando contra nossos desejos, não nos satisfazemos; dando vazão a nossas pulsões, seríamos crucificados pelo *outro*. E esta articulação insolúvel produz nossa sensação de mal-estar na sociedade.

O mal-estar de que trata Rouanet já desvia um pouco o objeto de Freud. Ele também está a tratar de uma sensação coletiva de infortúnio, mas seu debate é dirigido para o papel da razão (e os questionamentos feitos sobre seu uso na modernidade). Segundo ele, o ideal iluminista propunha o uso da razão (e por consequência a tecnologia, a técnica e a ciência) para a emancipação do homem: uma promessa que não foi cumprida, antes calcada sobre um objeto depositário de toda a fé comunitária. No apogeu da modernidade, onde o progresso técnico e avanço do conhecimento humano eram vistos como a solução para todos os problemas que nos impediam a felicidade, observar que a razão estava sendo utilizada para outros fins incompatíveis com estes ideais provocou um choque. Observar ao mesmo tempo uma equalização dos homens operada por ela (tornamo-nos todos iguais, homens, seres racionais) provocou um igual mal-estar, “o universalismo tinha a ver com a extensão e a abrangência do projeto civilizatório. Ele partia de postulados universalistas sobre a natureza humana

- ela era idêntica em toda parte e em todos os tempos; dirigia-se a todos os homens, independentemente de raça, cor, religião, sexo, nação ou classe; e combatia todos os preconceitos geradores de guerra e de violência, todos os obstáculos à plena integração de todos os homens, como o racismo e o nacionalismo. Emancipar equivalia a universalizar, a dissolver os particularismos locais, removendo assim as causas dos conflitos entre os homens. É contra essa construção que se dirige a cruzada anti ou pós-moderna, não somente no plano das idéias como no das atitudes e práticas

(06) TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria - a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Ed. Quartet, 2001.



sociais. O Iluminismo institucionalizado é vivido como repressivo. O que não deixa de ser paradoxal. Afinal, o objetivo ostensivo do projeto iluminista era emancipatório.”⁷⁷.

Adriana Bacellar Leite e Santos vai além da formulação freudiana do mal-estar e estende a questão ao sujeito lacaniano. Para Lacan, somos sujeitos da linguagem, portanto, na associação de Leite e Santos, fica evidente que o mal-estar - questão da constituição social e produção de sujeitos - esta implicado diretamente em questões de comunicação e de cultura, ou, na troca simbólica e construção dos sentidos sociais. Segundo ela, “De natureza simbólica é também o inconsciente de Freud e Jacques Lacan, ele mesmo (o inconsciente) definido pelo psicanalista francês como a própria ordem simbólica e a lei da cultura. E como sistemas simbólicos, tanto o inconsciente quanto as sociedades refletem a preponderância do significante em suas relações de associação. A só designa alguma coisa com o auxílio de B, e assim por diante, razão pela qual a linguagem simbólica, ao invés de ser reflexo do mundo físico, como que se superpõe a ele. Esta é a forma de organização primária no mundo humano e, ao mesmo tempo, o que torna plausível ao homem este mesmo mundo.”⁷⁸. Tanto o inconsciente quanto o imaginário, ambos da ordem simbólica, são anteriores a qualquer formulação. Se tomarmos o referencial lacaniano, poder-se-ia dizer até que são anteriores a própria existência do indivíduo, o qual, antes mesmo de nascer, já está submetido às expectativas dos pais, da sociedade, e de toda uma cadeia social e cultural que lhe produz como sujeito, e da qual deverá, através da inserção na linguagem, descobrir e participar. Lévy corrobora com esta abordagem, “Nós, seres humanos, jamais pensamos sozinhos ou sem ferramentas. As instituições, as línguas, os sistemas de signos, as técnicas de comunicação, de representação e de registro informam profundamente nossas atividades cognitivas: toda uma sociedade

cosmopolita pensa dentro de nós. [...] As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós. Nossa inteligência possui uma dimensão coletiva considerável porque somos seres de linguagem. [...] as ferramentas e os artefatos que nos cercam incorporam a memória longa da humanidade. Toda vez que os utilizamos, recorremos portanto à inteligência coletiva. As casas, os carros, as televisões e os computadores resumem linhas seculares de pesquisa, de invenções e de descobertas. Cristalizam igualmente os tesouros de organização e de cooperação empregados para produzi-los efetivamente. [...] O universo de coisas e de ferramentas que nos cerca e que compartilhamos pensa dentro de nós de mil maneiras diferentes.”⁷⁹

Marca-se então estes deslocamentos na fonte do mal-estar: para o iluminismo, estaria ligado à razão e a *diferença*; para Freud, estaria ligado às pulsões; a partir de Lacan, talvez pudessemos dizer que o mal-estar estaria ligado a erupção indomável do mundo simbólico - ao eterno retorno do desejo não satisfeito que faz o homem mover-se. Todos os casos circunscrevem-se na questão da cultura, mais precisamente na relação entre o individual e o coletivo.

A autora é então capaz de articular o expediente oriundo da psicanálise aos objetos da comunicação, através da lingüística (como princípio teórico e estrutural) e de noções claramente funcionalistas formuladas pelo canadense Marshall McLuhan. Tomando como base seu trabalho *Os meios de comunicação como extensões do homem*, e apoiada desde Saussure e Hjelmslev até Décio Pignatari, ela se posiciona a respeito de questões como o consumo, o sujeito, as drogas, a religião, a hegemonia norte-americana, as relações sociais, e necessariamente sobre o lugar social dos Meios de Comunicação entre eles. Enquanto McLuhan propunha os Meios de

(07) In ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal estar na modernidade*. São Paulo: Cia. das letras, 1993. Pg.97.

(08) In SANTOS, Adriana Bacellar Leite e. *Os meios de comunicação como extensão do mal estar*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003. Pg.37.

(09) In: LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996. Pg. 95.

Comunicação de Massa como próteses de nossos sentidos, corpos e intelectos limitados (frente a possibilidade da inteligência coletiva), a autora de *Os meios de comunicação como extensões do mal-estar* acredita que a verdadeira extensão é a “urgência de um desejo de satisfação que, na impossibilidade de ser atendido, só perpetua o seu mal-estar formador.” (2003:66). Ela prossegue com este raciocínio, até revelar seu verdadeiro objeto de aflição: “O mercado absolutista da mídia exclui, em seu funcionamento, a capacidade de discernimento e de subjetivação em todas as categorias sociais, especialmente nas de menor poder aquisitivo. Seu objetivo principal parece ser transformá-las em sonhos de padronização. Estar na moda passa a ser o que importa: saber o que todo mundo sabe, vestir, ler, usar, comer, experimentar e ver o que todo mundo vê” (2003:69).

O problema em questão é, no fundo, o que Karl Marx já conceituava como fetiche da mercadoria - um breve capítulo de *O capital*¹⁰. O termo fetiche se dá, em Marx, no sentido de feitiço: o feitiço que emana de um objeto industrializado, que captura a atenção e o desejo de um sujeito, disparando o impulso consumista ao mesmo tempo que o aliena de toda a relação de produção envolvida em sua fabricação... se uma pequena caixa de madeira seduz os transeuntes na vitrine de uma loja, eles não lhe enxergam como uma mera caixa feita com pedaços daquilo que um dia foram árvores, nem como o esmerado trabalho de artesãos por dias talhando-lhe adornos e detalhes, mas apenas como um objeto desejado, sem história, mágico, que surge a sua frente, cativando-lhes seus sentidos. Obviamente, este problema incide em Marx como uma fonte de um desequilíbrio social, onde as relações de produção são esquecidas e o valor do trabalho humano torna-se secundário face a um mero objeto industrializado. Adepto do axioma McLuhaniano de que “o meio é a mensagem”, a autora é clara ao dizer

que os Meios de Comunicação fabricam um produto, uma imagem de bem-estar, “leia-se os sonhos que os moldaram através das pesquisas de mercado [...] alimentam apenas a boa fortuna de uns poucos, enquanto a massa consumidora é composta por cada vez maiores hordas de excluídos e seus sonhos não-realizados de fama, fortuna e poder.” (2003:69).

A aflição que, aparentemente, move a autora a desenvolver todo o seu trabalho, não é sua exclusividade. Ela aparece pulverizada na conversa de todas as pessoas, sem distinção de credo, cor, raça ou nacionalidade. O consumo tem sido encarado, de poucas décadas para cá, como doença - novo objeto de interdição dos psicanalistas. Doença, por que não acrescenta nada no talhar de um sujeito como trabalhador produtivo e disciplinado; Vício, por que leva ao eterno retorno do desejo não-satisfeito, e consequentemente ao questionamento e rompimento da relação dócil entre o sujeito e aqueles aos quais se sujeita. Perigoso, pois individualiza e escancara o fato de que somos muito diferentes uns dos outros, tornando ainda mais difícil qualquer ação disciplinar. Nada seria mais próprio do que a insurgência de moralistas e agentes disciplinares contra o consumo, já que ele desterritorializa, miscigena e dificulta o controle. A segunda etapa desta aflição generalizada é atribuir a contaminação deste mal a ação dos Meios de Comunicação. Nada mais óbvio e denotativo do que dizer que a TV, o rádio, e as novas mídias (videogames, simulações, etc...) estimulam esta doença e os perigos que ela representa (consumo e alienação). Como dito, esta postura em relação aos Meios de Comunicação e ao consumo está de tal maneira enraizada no consenso geral que tornou-se um inimigo abertamente declarado. Em certo ponto de *Fight Club*, o arauto do apocalipse e agente da liberação, Tyler Durden, fala: “Nós somos os filhos de um país ridículo e sem história, sem propósito ou lugar. Não tivemos Grande Guerra, não tivemos Grande Depressão.

(10) MARX, Karl. *O Capital*.
Editora Abril: São Paulo, 1982.



Nossa grande guerra é a guerra espiritual, nossa grande depressão são nossas vidas. Fomos criados pela televisão para acreditar que um dia seríamos ricos, famosos e estrelas de cinema. Mas não seremos. E estamos aos poucos percebendo isso. E estamos muito, muito irados.”

Dados os sintomas de que sofrem a autora e uma esmagadora parcela da sociedade, questionamos: De qual mal-estar realmente sofremos na contemporaneidade? Qual o verdadeiro mal-estar que a leva a redigir sobre o mal-estar? Pois que parece ser um mal-estar bastante paradoxal, incomodado pelo declínio da diferença, mas articulado contra a vontade individual de pertencimento e contra os dispositivos através dos quais os sujeitos ligam-se ou afastam-se livremente uns aos outros, enfim, contra qualquer tipo de mediação (principalmente as de caráter mais populares que infestam os Meios de Comunicação de Massa, visto que a massa é constituída, massivamente, pelas camadas populares). Isto suporta a diferença compulsória, ou seja, a supressão do livre arbítrio e da capacidade de escolha individual por uma mediação ditada por sujeitos melhor-qualificados a exercerem escolhas corretas para todos, promoverem a diferença social, e atenderem aos interesses de um projeto bio-político¹¹ no intuito de melhorarem o substrato populacional e sua subjetividade. Uma leitura mais atenta pela autora, de Nietzsche, lhe mostraria que está descrevendo exatamente a formação dos ideais ascéticos¹² - e aquilo que eles representam! Traduzindo para a lógica adotada por ela: se os conteúdos veiculados pelos Meios de Comunicação são frutos de sondagens e da exploração dos sonhos e desejos coletivos - e são exatamente o que a massa deseja ver e reconhecer na TV e nos demais meios, novos e velhos - , e isto estimula uma “doença” (a amplificação da frustração e insatisfação inatas do homem), alguém capaz deveria - como faz um médico

ao interditar um paciente e confiná-lo em uma clínica ou hospital, para seu próprio bem -, interditar os Meios de Comunicação e remodelar seus conteúdos para que servissem à propósitos produtivos, à educação, à saúde, ao cultivo de bons hábitos, à boa condução das jovens almas, enfim, à produzir uma sociabilidade feliz e pacífica, coibindo qualquer tipo de conteúdo que provocasse perturbação, que estimulasse pulsões ou que prejudicasse a harmonia de uma sociedade plural e perfeita (ao menos perfeita sobre a ótica dos titereiros que a modelaram). Este tipo de pequeno-facismo encontra-se em profusão nas classes médias da sociedade brasileira, e fundamentalmente na pseudo-elite intelectual, onde a ênfase está muito mais na busca de ser elite do que ser intelectual. O sintoma mais nítido desta vocação é tratar os Meios de Comunicação - preferencialmente a TV - como um “estupidificador”.

A identificação do verdadeiro mal-estar que sofremos não vem de “Os meios de comunicação como extensões do mal-estar”, mas facilmente de *Fight Club*. As lutas retratadas no filme - bastante violentas por sinal - possuem regras, comentadas durante ele:

- “ 1. Você não fala sobre Clube da Luta
2. Você não fala sobre Clube da Luta
3. Quando alguém disser “pare”, ou perder os sentidos, a luta acaba
4. Só dois caras em cada luta
5. Uma luta de cada vez
6. Sem camisa, sem sapatos
7. As lutas duram o tempo que for necessário
8. Se essa é a sua primeira noite no Clube da Luta, você tem que lutar”.

Elas (as lutas) significam, claramente, o desejo por uma embate justo e equiparado entre os adversários. Demonstram que contra a violência do dia-a-dia em que estão submetidos os sujeitos (subjetivações e objetivações coercitivas), no trabalho, em casa, e na convivência social, não se enfrenta um oponente claro e de igual periculosidade, mas múltiplos oponentes dos quais não se têm como

(11) In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

(12) In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. “Terceira dissertação: O que significam ideais ascéticos?” in *Genealogia da moral - uma polêmica*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

se defender e enfrentar; oponentes que fazem uso de instrumentos, dispositivos e meios para tornar a vitória sobre eles impossível; oponentes aos quais há de se submeter, no intuito de se permanecer capaz de outros enfrentamentos. Assim, a violência física representada no filme soa, ironicamente, como um alívio da violência verdadeira: se há uma derrota e um hematoma, eles se dão contra alguém em iguais condições; contra um igual; contra alguém que se é possível enfrentar e até vencer.

Não se trata de um filme de boxe ou de artes marciais, mas uma crítica social dura. O mal-estar de nosso tempo diz respeito das desigualdades de condições em que estamos, mesmo antes de nosso nascimento, previamente submetidos. Não se trata de uma questão de classes sociais ou do fascínio por mercadorias, mas do apequenamento do homem: o enrijecimento dos laços sociais foi fortalecido pela tecnologia, e o desenvolvimento dos Meios de Comunicação - mais rápidos, mais presentes - toma evidente que a luta por liberação se faz cada dia mais difícil e mais desequilibrada; Se antes possuíamos alvos nítidos para revoltarmo-nos, hoje eles estão difusos; Se as subjetividades eram talhadas em espaços e momentos específicos, hoje o são em qualquer momento e qualquer

lugar; Se fomos “criados pela TV para sermos astros de cinema”, corremos sérios riscos de nos tomarmos massa descartável - meras engrenagens substituíveis em uma máquina corporativa. Pior: pouco podemos fazer contra isto, mas, se houvesse saída, mesmo que ela nos proporcionasse dores e alguns hematomas, não exitaríamos.

Na época de Freud, o mal-estar existia enquanto todos precisavam reprimir a si mesmos no intuito do convívio em comunidade; a igualdade constituía-se como um princípio normatizador desejado. Hoje, vivemos a sombra da pluralidade, desejando a diferença, e nela, alguns são, ou precisam ser, reprimidos mais do que outros. Isto é sentido e notado, e a frustração acentua-se onde, além da repressão, precisa haver também a conformação.

Os Meios de Comunicação situam-se neste horizonte como instrumentos para o embate social. Quem os tem a disposição, tem a oportunidade de ampliar seu campo de ação, limitar o campo de ação dos demais e adquirir posicionamentos ainda melhores para realizar tal confronto. Eles fazem parte de estratégias bem articuladas para reduzir a capacidade de enfrentamento ao mínimo. Muito diferente de *Fight Club*, onde as lutas eram limpas.

Bibliografia e Filmografia

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FINCHER, David (Dir.). **Fight Club**. Estados Unidos / Alemanha : Película - 139 min, 1999. Adaptação de livro homônimo: PALAHNIUK, Chuck: **Fight Club**. Londres: Vintage Books-UK, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. "**O mal estar na civilização**" in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996. Pg. 95.

MARX, Karl: **O Capital**. Editora Abril: São Paulo, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm: **Genealogia da moral - uma polêmica**. São Paulo: Cia das letras. 1998.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal estar na modernidade**. São Paulo: Cia. das letras, 1993.

SANTOS, Adriana Bacellar Leite e: **Os meios de comunicação como extensão do mal estar**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003. Pg. 37

TRIVINHO, Eugênio. **O mal-estar da teoria - a condição da crítica na sociedade tecnológica atual**. Rio de Janeiro: Ed. Quartet, 2001.